

## Noel Rosa – um percurso sonoro em Belo Horizonte

GRAZIELA VALADARES GOMES DE MELLO VIANNA

■ 478

Graziela Valadares Gomes de Mello Vianna é professora Adjunta III do departamento de Comunicação da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP, mestre em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (2002) e graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (1995). Foi bolsista da CAPES e realizou um estágio de doutoramento (bolsa sanduíche) no Centre de Sociologie de L'Innovation em Paris. É pesquisadora do grupo GRIS, (DCS/ FAFICH -UFMG) onde formou o subgrupo GRISsom, do qual é coordenadora juntamente com Nisio Teixeira.

#### ▪ RESUMO

Na década de 1930, Noel Rosa, o poeta boêmio do Rio de Janeiro, mais precisamente de Vila Isabel, passou alguns meses em terras belo-horizontinas. A Belo Horizonte de hoje sofreu transformações, tornou-se diferente daquela de Noel Rosa. Mas, a partir do conceito de percurso sonoro, propomos uma reflexão sobre a ação de se apropriar sonora e fisicamente daqueles percursos que poderiam ser os mesmos daqueles passos de outrora do famoso artista da música popular brasileira. Portanto, de acordo com essas propostas de apropriação do espaço urbano, o *flâneur* -ouvinte segue os passos de Noel pela cidade guiado por uma narrativa sonora constituída por diversos "relevos sonoros", tais como a performance da voz, as canções do compositor e os elementos que constituem a paisagem sonora urbana. Tal percurso sonoro permite ao ouvinte-*flâneur* uma transposição no tempo, para Belo Horizonte de 1930, cujos vestígios continuam presentes na paisagem urbana contemporânea.

#### ▪ PALAVRAS-CHAVE

Noel Rosa, Belo Horizonte, memória, percurso sonoro.

#### ▪ ABSTRACT

In the 1930s, Noel Rosa, the bohemian poet of Rio de Janeiro, more precisely of Vila Isabel, spent a few months in the city of Belo Horizonte. The Belo Horizonte today has been transformed, it became different from that time of Noel Rosa. But, beginning with a discussion about the concept of soundwalk, we propose to think about the action of appropriating the sound and physically follow those paths, which could be the same as those steps of Brazilian popular music through the city. Therefore, according to these proposals of urban space appropriation, the "listener-*flâneur*" follows the Noel steps through the city guided by a sound narrative made up of several "sound reliefs", such as voice performance, the songs of the composer and elements of the urban soundscape. This soundwalk that allows the "listener-*flâneur*" a transposition in time to Belo Horizonte 1930, whose traces are still present in contemporary urban landscape.

479 ■

#### ▪ KEYWORDS

Noel Rosa, Belo Horizonte, memories, soundwalk.

### 1. *Flâneries* pela paisagem sonora urbana

Refletimos aqui sobre a experiência de quatro percursos sonoros produzidos para a ocasião do Seminário Internacional do Som e da Memória, para pensarmos sobre a experiência da escuta nas paisagens urbanas. Os percursos convidavam o ouvinte-*flâneur* a atravessar a cidade guiado por um dispositivo sonoro que apresenta narrativas nas quais a cidade que envolve o ouvinte é também o cenário da narrativa sonora que se escuta por meio do dispositivo. Tais produções que descreveremos mais demoradamente adiante, fazem uso do registro de elementos constituintes da paisagem sonora de hoje e da década de 1930, da performance da voz e das canções

de Noel Rosa para guiar o ouvinte-*flâneur* pela paisagem urbana do centro de Belo Horizonte, permitindo ainda uma transposição no tempo a partir dos vestígios da cidade nos tempos em que foi habitada por Noel.

A cidade está entrecortada por dispositivos de comunicação como cartazes publicitários, o rádio, a televisão, o cinema, meios de transporte e formas de ocupação do espaço urbano diversas. A cidade não é estática, não é apenas o que pertence ao seu território, algo plenamente representável num mapa. Na contemporaneidade, os circuitos informativos e midiáticos também pertencem e alteram a paisagem urbana. Entendemos paisagem como a porção de uma área cujos sentidos da percepção de quem a observa consegue ver, escutar e sentir e alcançar de um determinado ponto de vista. A paisagem pode ser considerada ainda como lugar de consumo, domínio da intervenção e das atividades humanas (LOPES, 2006).

Concordamos assim com Di Felice (2009) que reivindica um novo olhar para as cidades atuais ao considerar a dinâmica e fluidez das paisagens pós-urbanas. “As praças, as ruas, as avenidas deixam de serem os lugares únicos da experiência social urbana e passam a ser flanqueados por outras especialidades imateriais e informativas (publicidades, imagens, luzes, paisagens sonoras etc.) que se sobrepõem criando metageografias e novas experiências de habitar (DI FELICE, 2009, p.153).”

Portanto, a paisagem urbana ganha relações de sentido a partir das relações e das funções sociais que lhe são atribuídas. “Em cada época, o processo social imprime materialidade ao tempo, produzindo formas/paisagens. As paisagens construídas e valorizadas da sociedade revelam sua estrutura social e conformam lugares, regiões e territórios. A paisagem é a materialidade, mas é ela que permite à sociedade a concretude de suas representações simbólicas”. (SANTOS, 2002, p.13-14)

No presente artigo, privilegamos as sonoridades que constituem o “relevo” das paisagens urbanas, ou melhor, de acordo com o termo cunhado pelo pesquisador canadense Murray Schafer, a “paisagem sonora”<sup>1</sup> que constitui as cidades. Schafer (2001) considera como paisagem sonora “qualquer porção do ambiente sonoro vista como um campo de estudos. O termo pode referir-se a ambientes reais ou a construções abstratas como a composição musical” (SCHAFER, 2001, p.366).

---

<sup>1</sup> Tradução para o português do termo original em inglês - *soundscape*, derivado de *landscape* - utilizado pelo pesquisador em sua pesquisa acerca da paisagem sonora mundial.

Baudelaire (2001) considerava a cidade sedutora, uma vez que as ruas labirínticas da cidade constituem o fascínio da multiplicidade e do efêmero, o gosto pelo movimento ondulante da multidão para o “perfeito divagador” ou “observador apaixonado”. Convidamos portanto esse ouvinte-*flâneur* a se deixar seduzir pela paisagem urbana, considerando, de acordo com Benjamin, a cidade como “o autêntico chão sagrado da *flânerie*” ( BENJAMIN,1994, p.191).

Ao flunar pela cidade, percebemos marcas das transformações da vida cotidiana da cidade, marcas do tempo, “uma vez que os elementos temporais mais heterogêneos coexistem, portanto, na cidade (...). “Quem entra em uma cidade sente-se como em um tecido de sonho, onde um acontecimento de hoje se articula com o mais remoto (LION *apud* BENJAMIN, 2006, p.478/479).”

Para além das marcas do tempo percebidas pela arquitetura, o relato do *flâneur* também nos permite perceber no espaço urbano contemporâneo, rastros do tempo, pois, concordando com Benjamin, em uma de suas *Passagens*,

a rua conduz o *flâneur* em direção a um tempo que desapareceu. Para ele, qualquer rua é íngreme. Ela vai descendo, quando não em direção às mães, pelo menos rumo a um passado que pode ser tão mais enfeitiçante por não se o seu próprio passado, seu passado particular. Entretanto, este permanece sempre o tempo de uma infância. Mas porque o tempo de sua vida vivida? No asfalto sobre o qual caminha, seus passos despertam uma surpreendente ressonância. A iluminação a gás que recai sobre o calçamento lança uma luz ambígua sobre este duplo chão. (2006, p.461)

481 ■

Os percursos convidavam a flunar pela cidade por meio de uma transposição no tempo: experienciar a cidade hoje por meio de uma narrativa que evoca um tempo passado – a passagem de Noel Rosa por Belo Horizonte na década de 1930. Mas, o que seria afinal um percurso sonoro? Quais são as características desse tipo de narrativa? Evidenciaremos a seguir tais delimitações e as nossas referências iniciais para esse tipo de produção.

## **2. (Re)descobrimo a cidade com os percursos sonoros**

O termo “*soundwalk*” foi utilizado pela primeira vez na década de 1970 por membros do projeto *World Soundscape Project* de Murray Schafer. O termo designa excursões cujo principal objetivo é ouvir o ambiente. Tais excursões podem tanto ser uma escuta atenta e direta da paisagem sonora quanto uma composição sonora que

faz uso dos elementos dessa paisagem para guiar o ouvinte em uma experiência estética de escuta. Hildegard Westerkamp, compositora, radio artista e pesquisadora do projeto de Schafer define *soundwalk* (em texto originalmente publicado em 1974) como:

Uma exposição dos nossos ouvidos a cada som ao nosso redor, não importa onde estivermos. Podemos estar em casa, podemos estar caminhando atravessando uma rua no centro, passando por um parque, andando por uma praia; podemos estar sentados em um consultório médico, na recepção de um hotel, em um banco; fazendo compras em um supermercado, em uma loja de departamentos ou em um sacolão chinês; parados no aeroporto, na estação de trem ou na parada de ônibus. Não importa aonde iremos, daremos prioridade aos nossos ouvidos. Eles foram negligenciados por nós durante muito tempo e, como resultado disso, nós contribuimos pouco para o desenvolvimento de um ambiente acústico de boa qualidade (WESTERKAMP, 2007, p.49) (tradução nossa).<sup>2</sup>

Utilizamos no presente texto o termo “percurso sonoro” como tradução do termo original inglês *soundwalk* ou do francês *parcours sonore*. Consideramos aqui um dos tipos de excursão proposto por Westerkamp, ou seja, uma narrativa sonora que faz uso de elementos da paisagem sonora para conduzir o ouvinte-participante em uma apropriação estética da cidade.

■ 482

Foi na capital francesa no ano de 2007 que tivemos a primeira oportunidade de experimentar um *parcours sonore*, ou melhor, um percurso sonoro. O programa do Festival Paris Cinéma na edição de 2007, anunciava:

Após 3 anos de sucesso do conceito de passeio (“balade”) urbana, lúdica e de convívio com o outro em lugares em torno do cinema em Paris, Paris Cinema propõe dois novos percursos sonoros na companhia de Isild Le Besco pelo Marais e Florence Loiret-Caille por Belleville (PARIS CINÉMA, 2007) (tradução nossa).<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> No original: It is exposing our ears to every sound around us no matter where we are. We may be at home, we may be walking across a downtown street, through a park, along the beach; we may be sitting in a doctor's office, in a hotel lobby, in a bank; we may be shopping in a supermarket, a department store, or a Chinese grocery store; we may be standing at the airport, the train station, the bus-stop. Wherever we go we will give our ears priority. They have been neglected by us for a long time and, as a result, we have done little to develop an acoustic environment of good quality. (WESTERKAMP, 2007, p.49)

<sup>3</sup> No original: Après le succès rencontré depuis trois ans par le concept de balade urbaine, ludique et conviviale, autour des lieux du cinéma à Paris, Paris Cinéma propose deux nouveaux parcours sonores et scénarisés en compagnie d'Isild Le Besco à travers Le Marais, et Florence Loiret-Caille à travers Belleville (PARIS CINÉMA, 2007).

O Festival propunha que o ouvinte baixasse os arquivos gratuitamente (durante o período do festival) disponibilizados no *site* do coletivo responsável pela produção ou fizesse um empréstimo de um aparelho *audio guide* em dois cinemas (localizados nos bairros dos dois percursos propostos). No cinema e no *site*, estavam disponíveis também mapas dos trajetos a serem percorridos.

Dessa forma, tivemos também o primeiro contato com as produções do coletivo *soundwalk*, um coletivo sonoro internacional com base em Nova Iorque, fundado no início dos anos 2000 por Stephan Krasneanski que propõe “*audio guides* misturando ficção e realidade para oferecer uma exclusiva e poética descoberta da cidade, em uma ponte entre a flânerie baudelairiana e uma experiência cinematográfica” (SOUNDWALK, 2015). Tal coletivo produziu percursos em diversas metrópoles além de Paris, tais como Nova Iorque ou Shanghai, além de instalações sonoras e outras produções artísticas onde o som é o principal elemento significativo.

Participar do percurso sonoro foi uma experiência de apropriação da cidade, de espaços públicos e privados de uma maneira diferente do que até então, nós, pesquisadores brasileiros vivendo há alguns meses na cidade, tínhamos vivenciado. Fomos guiados pelo Marais por meio de diversos elementos sonoros: a performance da voz, a música, os sons dos passos da narradora e por elementos da paisagem sonora urbana registrados previamente. O percurso sonoro nos colocou no lugar de participantes- *flâneurs* que acompanhavam a voz sem corpo de Isild Le Besco pelos cenários onde se desenrolava a história ficcional: as ruas do Marais, praças, livrarias, sexshops, pátios fechados de prédios cujos códigos de entrada eram informados pela narradora. Enfim, o cenário da narrativa conduzida pela narradora/protagonista e seguida por nós – ouvintes-participantes-coadjuvantes-*flâneurs* era a própria cidade de Paris, mas não a Paris turística, mas a cidade das pessoas que ali habitam, desvelada ao flunar por lugares públicos e privados.

De volta ao Brasil, três anos mais tarde, passamos a utilizar esse modelo de narrativa como atividade de ensino e extensão nas disciplinas que lecionamos relacionadas ao som e nos projetos de extensão que coordeno em regiões carentes do país. Foram produzidos a partir de 2010 vários percursos com a participação dos

alunos e bolsistas envolvidos, na região do hipercentro das cidades; no meio rural, percursos temáticos, dentre outros.<sup>4</sup>

Tais produções sempre buscaram valorizar a paisagem sonora nas suas narrativas tendo como objetivo principal promover uma escuta atenta do ambiente, ou seja, seguimos assim os objetivos iniciais propostos pelos pesquisadores do projeto *World Soundscape Project* .

Assim , a partir dessas experiências prévias, na ocasião da organização do Seminário Internacional do Som e da Memória, decidimos produzir quatro percursos sonoros que partiam de um tradicional bairro de Belo Horizonte, o bairro Floresta, e percorriam o hipercentro de Belo Horizonte passando por locais frequentados pelo compositor carioca Noel Rosa durante a sua estadia de nove meses na cidade na década de 1930. Mas, o que Noel fazia na capital mineira? Tentaremos responder a essa questão a seguir.

### **3. “Belo Horizonte, bem mesmo é estar aqui:” Noel Rosa e sua passagem pela capital mineira**

■ 484

Noel Rosa, nascido em 1910, na década de 30 já era um compositor com o talento reconhecido no meio musical e pelos ouvintes das emissoras de rádio do país. Também era conhecido o seu gosto pela boemia carioca. A vida desregrada e a tuberculose acabaram por levá-lo a morar em Belo Horizonte. Uma temporada na capital mineira, naquela época com seu clima ameno e ar puro de montanha, foi uma das sugestões do seu médico, dr. Edgar Graça Melo para tratamento da tuberculose. Além do clima, a irmã de sua mãe morava em Belo Horizonte, uma capital planejada, inaugurada poucas décadas antes, que parecia ter uma vida mais pacata do que a boemia do Rio de Janeiro, o que também faria bem à saúde de Noel. Assim, em janeiro de 1935, Noel Rosa parte do Rio de Janeiro com a sua esposa Lindaura para morar em Belo Horizonte. A julgar pela carta escrita por Noel a seu médico (e, postumamente, transformada na canção *Ao meu amigo Edgar* por João Nogueira), a estadia realmente lhe fez bem:

---

<sup>4</sup> A fim de não prejudicar a avaliação cega, suprimimos aqui o detalhamento dos projetos e atividades desenvolvidos. Caso o artigo seja aprovado, podemos acrescentar tais informações.

Já apresento melhoras  
Pois levanto muito cedo  
E deitar as nove horas  
Pra mim já é um brinquedo  
A injeção me tortura  
E muito medo 'me mete'  
Mas minha temperatura  
Não passa de 37 (...)

Creio que fiz muito mal  
Em desprezar o cigarro  
Pois não há material  
Pro meu exame de escarro  
Até agora só isto  
Para o bem dos meus pulmões  
E nem brincando desisto  
De seguir as instruções  
Que o meu amigo Edgard  
Arranque desse papel  
O abraço que vai mandar  
O seu amigo Noel

No entanto, os registros da sua passagem pela cidade demonstram que rapidamente Noel fez novos amigos na cidade e, com eles, frequentava a zona boêmia de BH, os bares e restaurantes do centro, o Grande Hotel e a Rádio Mineira, onde chegou a participar do concurso de marchinhas promovido pela emissora. Para o concurso, Noel compôs *Uatch* e foi classificado em 5º lugar.

485 ■

Apesar das novas amizades, das supostas melhoras e da descoberta da boemia belorizontina, Noel desabafa a um amigo que prefere viver 1 ano no Rio a 10 na capital mineira (MARTINS, 1999) e no final do mesmo ano de 1935, volta com a esposa para o Rio de Janeiro. Um ano e meio mais tarde, Noel Rosa sucumbe à doença que o levava às terras mineiras, a tuberculose, e falece em abril de 1937.

#### **4. Seguindo os passos de Noel: pesquisa e produção dos percursos sonoros**

Para fazer um levantamento das experiências de Noel Rosa durante os nove meses que viveu em Belo Horizonte, partimos inicialmente de uma pesquisa bibliográfica acerca dos registros sobre a sua estadia em trabalhos anteriores de pesquisadores sobre a trajetória do compositor. Também consideramos textos de cronistas, jornalistas e escritores que flanaram por Belo Horizonte na década de 30,

para, por meio das referências à paisagem urbana daquele tempo, reconstituir a paisagem sonora urbana nas narrativas criadas.

A partir desse levantamento, foram considerados alguns pontos da cidade frequentados por Noel Rosa no bairro Floresta e no centro da cidade. Apesar da pesquisa bibliográfica nos mostrar que Noel também frequentou bairros periféricos, privilegiamos no recorte metodológico os pontos localizados na região central de Belo Horizonte para que fosse possível realizar os percursos a pé.



■ 486

Figura 1 - Mapa dos percursos sonoros Noel Rosa. Acervo do autor.

Assim, como podemos verificar no recorte do folder da programação do Seminário Internacional do Som e da Memória (Figura 1), os pontos considerados nas versões finais dos quatro percursos propostos foram: a Praça da Estação, ponto de chegada de Noel Rosa e Lindaura na cidade; a casa da tia Carmen, localizada no bairro Floresta; o viaduto da Floresta, caminho de Noel entre a casa da tia Carmen e o centro da cidade; o Conservatório de Música; a charutaria Flor de Minas e a Livraria Francisco Alves, frequentadas por Noel e seus amigos mineiros; o Restaurante Colosso, onde Noel fez a sua primeira roda de samba; a Rádio Mineira e o bar do Grande Hotel (hoje, o ainda boêmio edifício Maletta).

A partir da definição dos pontos do trajeto, 80 alunos do curso de graduação em Comunicação Social foram divididos em quatro grupos de 20 integrantes. Cada grupo produziu um percurso sonoro. Em cada grupo, foram criadas equipes com funções distintas pré-estabelecidas. Foram estas:

- 1- seleção do material bibliográfico levantado na pesquisa inicial; pesquisa acerca de onde estiveram situados os locais frequentados por Noel, tais como a antiga charutaria, a livraria, o restaurante que não existem mais;
- 2- pesquisa acerca da produção musical de Noel Rosa, com levantamento das canções compostas por Noel ao longo da sua carreira e ainda, mais especificamente, das canções compostas durante a sua estadia em Belo Horizonte. Seleção dos registros fonográficos a serem utilizados como trilha sonora dos percursos; levantamento de registros históricos da paisagem urbana de 1930.
- 3- Roteirização de uma narrativa ficcional inspirada no cotidiano de Noel na cidade, desvelado na pesquisa bibliográfica;
- 4- Produção externa do percurso: definição de pontos de referência para orientar o ouvinte/ participante ao longo do trajeto, cronometragem do tempo gasto para chegar de um ponto a outro, registro da paisagem sonora urbana.
- 5- Produção em estúdio: direção e gravação da locução, edição do material sonoro.

487 ■

Assim, os grupos foram provocados a criarem narrativas ficcionais inspiradas nas experiências de Noel Rosa em Belo Horizonte e nas paisagens sonoras daquele tempo desveladas na pesquisa bibliográfica. Tais narrativas deveriam obrigatoriamente ter como cenário a paisagem urbana, mais especificamente, os locais habitualmente frequentados por Noel durante a sua estadia na cidade. Para tanto, exigiu-se um novo trabalho de pesquisa, uma vez que vários destes desapareceram e, ainda que tivéssemos acesso ao endereço antigo onde o local se situava, percebemos que a numeração das ruas mudou. Para tanto, desenvolvemos uma pesquisa no Arquivo Público da Cidade de Belo Horizonte e com antigos moradores para descobrirmos a localização exata dos locais mencionados.

Os roteiros deveriam prever a inserção de elementos constituintes da paisagem urbana atual e da década de 1930, de acordo com as referências das crônicas e demais textos levantados na pesquisa bibliográfica. O ouvinte/*flâneur* se

inseriria por duas vias nessa paisagem: *in loco* ouvindo-a ao caminhar por ela e por meio da narrativa. Para dar ritmo à caminhada, foram inseridas canções de Noel que incluíram aquelas compostas durante o seu período em BH: *Iolanda*, *Uatch* e *Belo Horizonte*. As narrativas eram entremeadas ainda por instruções sobre a direção que o ouvinte-*flâneur* deveria tomar para chegar de um local a outro e os pontos de referência entre tais locais. Para que tais instruções fossem precisas, uma equipe de cada grupo se encarregou de selecionar tais pontos de referência, assim como cronometrar o tempo médio que o ouvinte gastaria para alcançar tais pontos.

Com o roteiro pronto, a paisagem sonora urbana registrada e as canções selecionadas, passamos ao trabalho em estúdio, com a gravação das vozes e, posteriormente, a edição e mixagem de todos os elementos sonoros. Os quatro percursos finalizados foram então disponibilizados ao público em aba específica do site do Seminário Internacional do Som e da Memória.<sup>5</sup> Os participantes do evento eram instruídos a baixarem previamente os arquivos referentes ao percurso escolhido e a salvá-los em um MP3 player e nos encontrarem no terceiro dia do evento (16 de novembro de 2013) às 9 horas da manhã, na rua São Manoel no bairro Floresta, em frente a dois pequenos edifícios, lugar onde se localizava a casa da tia de Noel na Belo Horizonte dos anos 1930. A casa da tia Carmen foi o ponto de partida para os quatro percursos desenvolvidos.

No dia marcado, percorremos a cidade juntamente com um grupo de 50 ouvintes/*flâneurs*/participantes, passando pelos lugares frequentados por Noel Rosa. Além dos pontos marcados, atravessamos viadutos, ruas e lugares históricos no centro de Belo Horizonte, passamos pelo metrô na Praça da Estação, pelo Parque Municipal, por casarões históricos, alguns conservados, outros depredados, por lojas populares. Procuramos vestígios dos lugares que Noel frequentava: uma antiga indicação da livraria que existia na década de 1930 que ainda resiste no alto de um sobrado, o casarão em que nos tempos de Noel era um restaurante e hoje abriga uma filial de uma rede de drogarias, a construção em estilo gótico que abrigou a Rádio Mineira e hoje é o Centro de Referência de Moda. Andamos durante quase duas horas ouvindo a cidade e as narrativas sonoras que nos conduziam. O ponto de chegada foi o edifício

---

<sup>5</sup> Cf. <https://sommaismemoria.wordpress.com/percurso-sonoro/>

comercial e residencial Arcanjo Maletta, onde outrora se situava o Grande Hotel, cujo bar abrigava o encontro de artistas, radialistas e políticos. Ainda que o hotel não exista mais, o Maletta (como é conhecido pelos belorizontinos) também tem uma reconhecida vocação artística e boêmia evidenciada pelos bares, restaurantes e galerias e por seus frequentadores. Lá, ao final dos percursos, brindamos a Noel ao som de suas canções.

## 5. Pontos de chegada

A história de Belo Horizonte está nos documentos oficiais e mapas da cidade e na memória das pessoas que vivenciaram as transformações pelas quais a cidade passou. Mudanças como o fim dos bondes, os sons das ruas, músicas que tocavam nas rádios e vitrolas, a construção de prédios comerciais e outras tantas ocorridas no espaço urbano são registradas por jornalistas e cronistas que flanam pela cidade em épocas distintas. Espaço esse constituído pelas estruturas impostas pela arquitetura e pela topografia, mas também por elementos sonoros e visuais dinâmicos que se relacionam com as práticas sociais de seus habitantes. Consideramos a paisagem sonora como dinâmica, que se transforma cotidianamente e na qual o ouvinte tem um papel determinante.

489 ■

Acreditamos que os percursos sonoros cumpriram o objetivo de promover uma escuta crítica da paisagem sonora e das transformações ocorridas entre 1930 e os dias atuais. Entendemos que os vestígios da paisagem desvelados por meio de pistas costuradas nas narrativas e registradas por cronistas, escritores e jornalistas, antigos *flâneurs* da cidade, conduziram (e ainda podem conduzir, uma vez que continuam disponíveis para download) o ouvinte à uma transposição do tempo, à Belo Horizonte da década de 1930. Tal transposição se deu ao longo de uma flânerie pela cidade. Portanto, ao flunar pela cidade no século XXI, nós, ouvintes/participantes/*flâneurs* tivemos a chance de perceber, a partir dessa escuta crítica, as marcas daquele tempo hoje, no espaço e tempo presentes.

Atravessar o centro da cidade tendo com guia um dos percursos sonoros produzidos, possibilitou aos participantes diferentes formas de experienciar a cidade.

Para muitos, lugares antes desconhecidos lhes foram apresentados, para outros, a paisagem urbana foi (re)conhecida e ressignificada por meio da narrativa sonora e dos vestígios desse outro tempo. Tornamo-nos todos *flâneurs* baudelairianos, seduzidos pela cidade à procura dos vestígios de uma paisagem urbana distante no tempo, mas cujas marcas ainda hoje persistem no espaço urbano.

## Referências

BAUDELAIRE, Charles. O pintor da vida moderna. **Sobre a modernidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

BENJAMIN, Walter . **Obras escolhidas III: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. 3a. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

DI FELICE, Massimo. **Paisagens pós-urbanas: o fim da experiência urbana e as formas comunicativas do habitar**. São Paulo: Annablume, 2009.

LOPES, Denilson. Paisagens da cultura, paisagens sonoras. In : FREIRE FILHO, João ; JANOTTI JUNIOR, Jeder. **Comunicação e música popular massiva**. Salvador :Edufba, 2006.

MARTINS, Fábio. **Senhores ouvintes, no ar...a cidade e o rádio**. Belo Horizonte: C/Arte,1999.

PARIS CINÉMA. **Programmes 2007**. Disponível em <

<http://www.pariscinema.org/fr/2007/programmes-2007/pariscinerandos.html>> Acesso: 30

mai.2015.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2002.

SCHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

SOUNDWALK. **About Soundwalk**. Disponível em < <http://www.soundwalk.com/#/ABOUT/>>

Acesso: 30 mai. 2015.

WESTERKAMP, Hildegard. Soundwalking. In : **Autumn Leaves, Sound and the Environment in Artistic Practice**. Paris : Ed. Angus Carlyle/Double Entendre, 2007. pp. 49-59.